



Clipping Nacional de EDUCAÇÃO

Brasília, 03 de Dezembro de 2019

SALA...

Os secretários estaduais Rossieli Soares (Educação), Sérgio Sá Leitão (Cultura), Célia Leitão (Pessoa com Deficiência) e Marco Vinholi (Desenvolvimento Regional) se reunirão na próxima semana com Maria Helena Guimarães Castro, do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos).

... DE AULA

O encontro, promovido pela Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI), terá como tema os rumos das políticas estaduais a partir dos resultados do Brasil e de SP no Pisa 2018, cujos resultados serão divulgados nesta terça (3).

Teste expõe década de estagnação no ensino no Brasil; China lidera

Angela Pinho
Thiago Amâncio
SÃO PAULO

Em uma edição marcada pela ascensão da China, o Pisa, principal avaliação de qualidade da educação básica do mundo, mostrou uma estagnação no desempenho do Brasil por quase uma década.

Apesar do resultado ruim, a previsão do ministro Abraham Weintraub (Educação), de que o país ficaria em último lugar entre os da América do Sul acabou por não se concretizar.

Ao fazer a afirmação há duas semanas, ele não deixou claro se estava adiantando os resultados. “Estou supondo com base em números robustos”, disse.

Com exceção do ranking de ciências, em que aparece empatado com Argentina e Peru, o Brasil está ligeiramente à frente da Argentina em matemática e de Argentina,

Colômbia e Peru em leitura.

Aplicado pela OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) a cada três anos, o Pisa avaliou em 2018 alunos de 15 anos de 79 países ou regiões. A prova considera Macau e Hong Kong, territórios da China com administração própria e certo grau de autonomia, como entidades independentes.

A organização pontua no relatório de resultados da avaliação que o Brasil avançou em matemática entre 2003 e 2018, mas a melhora ficou concentrada nos primeiros anos desse período.

Na fase seguinte, a tendência é de estagnação. “Após 2009, em matemática, leitura e ciências, a performance parece variar em tendência estável”, diz o texto.

O Brasil ocupa no ranking da avaliação a 42ª posição em leitura, destaque do relatório deste ano, a

58ª em matemática e 53ª em ciências.

Além da média baixa e estagnada, chama a atenção a quantidade de alunos brasileiros abaixo do desempenho considerado mínimo. Do total de estudantes, 43% não alcançaram o nível considerado mínimo em nenhuma das áreas do conhecimento.

A situação mais grave é a de matemática. Apenas 32% dos brasileiros atingiram o mínimo na disciplina no país, enquanto a média dos integrantes da OCDE é de 76%.

Atingir esse patamar significa que esses estudantes conseguem, por exemplo, converter preços em diferentes moedas —algo que sabem fazer 98% dos alunos das províncias chinesas de Beijing, Xangai, Jiangsu e Zhejiang.

Em ciências, 45% dos brasileiros chegam ao mínimo, ante média da OCDE de 78%. Eles conseguem identificar, em casos simples, quando





uma conclusão é válida com base nos dados disponíveis.

Em leitura, 50% no país chegam ao mínimo, ou seja, conseguem identificar a informação principal de um texto de tamanho médio. A média da organização é de 77%.

O nível máximo é atingido por apenas 2% dos brasileiros em leitura e 1% em matemática e ciências. A média da OCDE é de 9%, 11% e 7%, respectivamente.

O relatório mostra ainda que o Brasil tem um desempenho pior no exame do que países com o mesmo patamar de gastos em educação, a exemplo da Turquia, da Ucrânia e da Sérvia.

O país, porém, despende menos de US\$ 20 mil por estudante ao ano (cerca de R\$ 84 mil), em valores convertidos para tornar possível comparar o poder de compra.

O relatório registra que, em nações que gastam até US\$ 50 mil por aluno, a nota está mais relacionada ao gasto do que para as demais.

Como ponto positivo para o Brasil, o relatório destaca a inclusão de alunos na escola no período entre 2000 e 2012.

O texto conclui que ela pode mascarar uma tendência mais

positiva de melhora do desempenho —sabe-se que os estudantes incluídos mais tardiamente no sistema escolar tendem a ter mais dificuldade de aprendizagem no início.

O topo do ranking do Pisa é dominado por países asiáticos. A nação europeia que está mais bem colocada é a Estônia, em 5º lugar em leitura, 8º em matemática e 4º em ciência.

Quatro províncias e municipalidades da China lideram as três áreas do conhecimento, superando Cingapura no ranking anterior.

São elas Beijing, Xangai, Jiangsu e Zhejiang. Embora longe de representar toda a China, onde vive 1,3 bilhão de pessoas, elas têm uma população nada desprezível: 180 milhões de habitantes.

Especialmente em matemática e ciência, o desempenho delas é melhor do que os dos demais países por larga margem. Em leitura, é similar ao de Cingapura.

O bom desempenho vai do topo à base da pirâmide social. Os estudantes dessas regiões chinesas entre os 10% com pior nível socioeconômico vão melhor em leitura do que a média de todos os alunos da OCDE, e tão bem quanto os de melhor nível socioeconômico dos países pertencentes à

organização.

“O que torna sua conquista ainda mais notável é que o nível de renda dessas quatro regiões chinesas está consideravelmente abaixo da média da OCDE. A qualidade das suas escolas hoje alimentará a força de suas economias amanhã”, afirma no prefácio da publicação o secretário-geral da organização, Angel Gurría.

Ele classifica ainda como decepcionante o fato de a maioria dos países da OCDE não ter registrado melhora no desempenho desde a primeira aplicação do Pisa, em 2000, mesmo com aumento de 15% no investimento por estudante.

Gurría registra ainda que apenas 7 dos 79 sistemas educacionais analisados tiveram desde então melhora significativa nas três áreas avaliadas, sendo Portugal o único deles que é integrante da organização.

Nos Estados Unidos, que disputam com a China a liderança global, o desempenho dos estudantes coloca o país em 11º lugar em leitura, 30º em matemática e 16º em ciências.

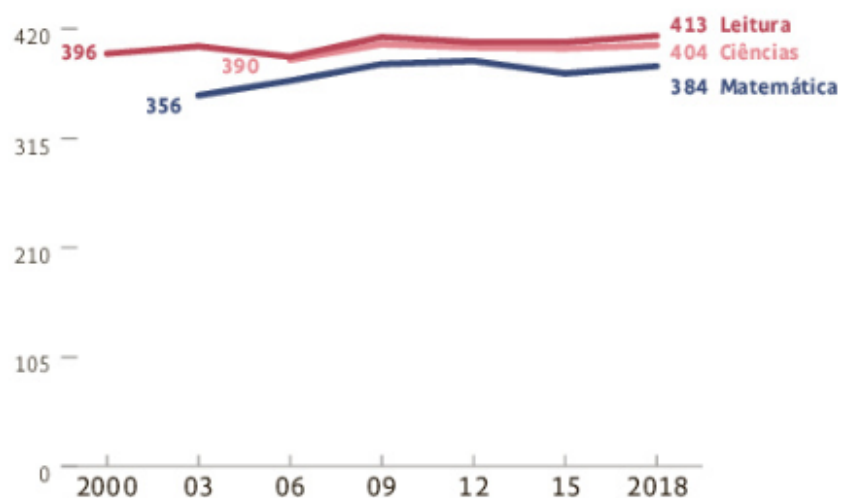
As notas dos alunos americanos seguem um padrão de estabilidade desde as primeiras edições do exame, com uma melhora mais significativa entre os de mais baixa performance em ciências.





Brasil tem desempenho estagnado em prova internacional; China lidera com quatro províncias

Performance do Brasil



Desempenho por país/região

Leitura

1	Beijing, Xangai, Jiangsu e Zhejiang (China)	555
2	Cingapura	549
3	Macau (China)	525
4	Hong Kong	524
5	Estônia	523
6	Canadá	520
6	Finlândia	520
7	Irlanda	518
8	Coréia do Sul	514
9	Polônia	512
10	Suécia	506
10	Nova Zelândia	506
42	Brasil	413
56	Indonésia	371
57	Marrocos	359
58	Líbano	353
58	Kosovo	353
59	República Dominicana	342
60	Filipinas	340

Média da OCDE

487





Matemática

1	Beijing, Xangai, Jiangsu e Zhejiang (China)	591
2	Cingapura	569
3	Macau (China)	558
4	Hong Kong	551
5	Taiwan	531
6	Japão	527
7	Coréia do Sul	526
8	Estônia	523
9	Holanda	519
10	Polônia	516
58	Brasil	384
60	Arábia Saudita	373
61	Marrocos	368
62	Kosovo	366
63	Panamá	353
63	Filipinas	353
64	República Dominicana	325

Média da OCDE

489

Ciências

1	Beijing, Xangai, Jiangsu e Zhejiang (China)	590
2	Cingapura	551
3	Macau (China)	544
4	Estônia	530
5	Japão	529
6	Finlândia	522
7	Coréia do Sul	519
8	Canadá	518
9	Hong Kong	517
10	Taiwan	516
53	Brasil	404
60	Marrocos	377
61	Kosovo	365
61	Panamá	365
62	Filipinas	357
63	República Dominicana	336

Média da OCDE

489

Fonte: OCDE

Exame cobra interpretação e a capacidade de dizer 'não há resposta'

SÃO PAULO

Um dos principais exames educacionais do mundo, o Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, na sigla em inglês) avaliou o conhecimento em leitura, matemática e ciência de 600 mil estudantes de 15 anos, em 79 países, em 2018.

A população avaliada tem como base sua idade, não a série, porque os sistemas educacionais são diferentes, dependendo da região — a amostra representa 32 milhões de jovens.

No Brasil, onde 11 mil alunos fizeram o exame, tipicamente eles estão no 1º ou no 2º ano do ensino médio. A amostra é feita para representar a população em termos socioeconômicos e participação da escola pública e privada.

O Pisa é conhecido por não ser "conteudista", ou seja, cobra pouco memorização. A prioridade é "medir o quanto o jovem adquiriu conhecimento e habilidades para uma participação plena na sociedade".

No caso de leitura, visa saber se o jovem sabe seguir as instruções de um manual ou descobrir quem, o que, quando, onde e por que de um

evento.

Na edição de 2018, quase todos os alunos fizeram a prova no computador, sendo a maior parte de forma dissertativa.

Em cada divulgação uma das áreas recebe ênfase --tem mais questões e uma análise maior da OCDE. Em 2018, o foco foi leitura.

Num exemplo de questão aplicada, o aluno recebe textos conflitantes sobre a queda populacional do povo rapa nui, na Polinésia.

Um livro afirma que o povo desmatou a região, para fazer grandes estátuas e a escassez de recursos naturais causou uma guerra civil. Já um trabalho acadêmico traz a hipótese de que ratos chegaram à ilha com os humanos e comeram as sementes das árvores, causando a devastação.

Ao aluno foi questionado o que causou o quase extermínio do povo rapa nui. Segundo o manual do exame, não havia resposta certa. A ideia era avaliar o quanto o aluno conseguia comparar os textos, se tinham lógica. Podia até responder que não havia evidências suficientes para uma resposta segura.

Alunos rico do Brasil lê pior que pobre de outros países

Thiago Amâncio
Angela Pinho
SÃO PAULO

Estudantes brasileiros de perfil socioeconômico e cultural mais elevados têm capacidade de leitura pior que a de alunos pobres de outros países, segundo o Pisa, avaliação internacional da educação, divulgado nesta terça-feira (3).

Os alunos brasileiros marcaram, em média, 415 pontos no ranking de leitura, o que coloca o país em 42º segundo lugar numa lista de 77 —o Pisa considera Macau e Hong Kong, territórios da China com administração própria e certo grau de autonomia, como entidades independentes.

O relatório divide os alunos participantes em quatro grupos, de acordo com critérios socioeconômicos e culturais.

Quando se faz esse recorte por classe, a média do grupo dos alunos mais ricos chega a 470 pontos, o que

coloca o país em uma posição pior, comparativamente, em relação aos outros analisados no mesmo grupo de renda —cai para a 54ª posição.

Contudo, a nota dos mais ricos do Brasil é superada pela dos mais pobres de dez países ou regiões: Beijing, Xangai, Jiangsu e Zhejiang (China); Macau (China); Estônia; Hong Kong (China); Cingapura; Canadá; Finlândia; Irlanda; Coreia do Sul e Reino Unido, nessa ordem.

São países com histórico de alto investimento na educação nos últimos anos. Finlândia e China, por exemplo, disputam o topo desde que o ranking foi criado.

A nota média dos alunos ricos dos países da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), que faz o Pisa, foi de 534 pontos. Na liderança do ranking que considera só o topo da pirâmide estão China, Cingapura, Alemanha, Finlândia e Polônia.

Entre os estudantes pobres, o

Brasil teve média de 373 pontos na avaliação de leitura, atrás de alunos do mesmo nível socioeconômico da Turquia (437 de média), Chile (415), Costa Rica (392), México (382) e Uruguai (379), entre outros.

A avaliação do Pisa é feita com 600 mil estudantes de 15 anos de idade de 79 países e territórios do mundo. Neste ano, o foco foi em leitura, mas a prova também avalia a performance dos alunos em ciência e matemática (que foram o tema central em outros anos).

A prova, feita a cada três anos, dura duas horas, tem questões abertas e de múltipla escolha, e é feita em um computador.

A avaliação da leitura leva em consideração a fluência do aluno, a capacidade de localizar informações, a compreensão do texto e a competência de avaliar e refletir sobre o que se leu.

A última vez que a leitura havia sido o foco do Pisa foi em 2009 e,





desde então, essa disciplina mudou profundamente, diz o relatório da avaliação.

“No passado, estudantes poderiam encontrar respostas simples e únicas às suas dúvidas em um conteúdo com curadoria cuidadosa, em livros didáticos aprovados pelo governo, e podiam confiar que aquelas respostas eram verdadeiras. Hoje, os alunos encontrarão centenas de milhares de respostas às suas dúvidas na internet, e depende deles discernir o que é verdadeiro do que é falso, o que é certo do que é errado. Ler não significa mais extrair informação; significa construir conhecimento, pensar criticamente e fazer julgamentos bem fundamentados.”

O relatório do Pisa mostra que 9,5% dos estudantes de nível socioeconômico e cultural mais baixo do Brasil conseguem, mesmo assim, ter altas notas em leitura, o que é definido pela OCDE como

“resiliência acadêmica”. Isso indica que a desvantagem não é um destino cravado, segundo a entidade. A média dos países da OCDE é de 11,3%.

Uma preocupação está no fato de que cerca de 10% desses alunos mais pobres com altas notas não esperam fazer uma faculdade—entre os ricos, esse número é de 4%.

O relatório também mediu o bem-estar dos estudantes, de acordo com um questionário respondido por eles.

Os alunos de estratos sociais mais altos percebem mais apoio emocional dos pais (18,4%, contra 7,7% dos mais pobres), percebem mais entusiasmo dos professores (12,7%, contra 9,1% na classe mais baixa) e se dizem mais competitivos (13,6%, contra 8,9%).

Na outra ponta, os estudantes pobres têm maior percepção do apoio dos professores (12%, contra

10,6% dos ricos) e tendem a cooperar mais entre si (11,9%, contra 10,3% dos ricos).

As meninas têm nota média superior à dos meninos na leitura no Brasil (426 contra 400), tendência que acontece também ao redor do mundo. Em ciência, a diferença é só de um ponto, com vantagem para elas (404 contra 403). Em matemática, por outro lado, os adolescentes fizeram, em média, 9 pontos a mais que as adolescentes.

A avaliação mostra ainda que a diferença de desempenho entre os 10% piores alunos brasileiros e os demais vem crescendo em leitura ao longo dos anos, desde a prova do ano 2000. Já em matemática, essa distância vem diminuindo—isso significa que os alunos com nota baixa têm conseguido se aproximar do restante. Em ciência, a diferença tem ficado estável.





Estudantes ricos do Brasil têm média em leitura pior que estudantes pobres de outros países

Pisa divide estudantes em quatro grupos de nível socioeconômico e cultural

	Nota média do Brasil em leitura	Comparação com alunos de mesmo nível em outros 77 países
- 4º grupo (mais pobres)	373	60º lugar
- 3º grupo	397	61º lugar
- 2º grupo	419	59º lugar
- 1º grupo (mais ricos)	470	54º lugar

Nota de estudantes mais pobres que superam os mais ricos do Brasil

	Nota média
Beijing, Xangai, Jiangsu e Zhejiang (China)	519
Macau (China)	511
Estônia	497
Hong Kong (China)	497
Cingapura	495
Canadá	485
Finlândia	483
Irlanda	482
Coreia	477
Reino Unido	471

Fonte: Pisa 2018

Médicos criticam Revalida

» MARIA EDUARDA CARDIM



Diogo Sampaio, vice-presidente da AMB: "MEC não tem capacidade de controlar sistema de revalidação"

Apresentadas na última semana pelo Ministério da Educação, as novas regras do Revalida, exame nacional de revalidação de diplomas médicos expedidos por universidades estrangeiras, não agradaram à Associação Médica Brasileira (AMB). Em um documento publicado no domingo, a associação pede o veto do presidente Bolsonaro ao Projeto nº 6.176/2019, aprovado pelo Congresso. A principal queixa é a inclusão das universidades privadas

no processo de revalidação dos diplomas dos médicos formados no exterior.

De acordo com o vice-presidente da AMB, Diogo Sampaio, a medida preocupa, pois pode atingir diretamente a população. "Atualmente, o Ministério da Educação não tem capacidade de controlar o sistema de revalidação, que já acontece por meio de um processo ordinário feito pelas universidades públicas. Se o MEC não tem controle desse sistema, como vai controlar a qualidade dessa avaliação? Com isso, um médico possivelmente malformado pode atender a população", avalia.

O Correio entrou em contato com o Ministério da Educação, que não respondeu às críticas feitas pela AMB. Na coletiva de apresentação das novas regras do exame, o ministro da Educação, Abraham Weintraub, e o secretário de Educação Superior, Arnaldo Lima, defenderam punições para possíveis fraudes do exame. "São instituições sérias e reconhecidas. Qualquer erro nesse processo de revalidação, as universidades poderão ser penalizadas de alguma forma", disse Arnaldo Lima.

O ministro da Educação afirmou que a universidade poderá até ser descredenciada dependendo do erro cometido. "Depende de onde chega o grau de responsabilidade", completou Weintraub. De acordo com o MEC, uma universidade privada só estará apta a participar do processo caso tenha nota quatro ou cinco no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes). Segundo a pasta, 425 instituições da iniciativa privada podem estar habilitadas para participar deste processo. Nas edições passadas do exame, somente universidades públicas estavam autorizadas a revalidar os diplomas.

De acordo com Diogo, o que se espera é um veto do projeto, que aguarda a sanção presidencial. "Tivemos duas reuniões com o presidente Bolsonaro durante este caminho e a posição dele foi de que sempre defenderia a prova antiga do Revalida. Aguardamos isso. Além disso, ele afirmou que manteria a moratória que suspende a abertura dos cursos de medicina por cinco anos", disse o médico. A medida foi decretada no ano passado pelo governo Temer.